

# MOTIVOS QUE LEVAM UM ESTUDANTE DE PSICOLOGIA A FAZER UMA ESCOLHA TEÓRICA

**Juliana do Nascimento de Brito<sup>1</sup>; Gabriel Tarragô Santos<sup>2</sup>**

Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: ju\_nascimentobrito@yahoo.com.br<sup>1</sup>  
Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: gabtarrago@gmail.com<sup>2</sup>

**Área do Conhecimento: Ciências Humanas**

**Palavras-chaves: *formação de psicólogos, ensino de psicologia, abordagens teóricas.***

## **INTRODUÇÃO**

Ao tratar sobre a formação acadêmica de um futuro profissional, se faz necessário, de antemão, pensar um pouco sobre como se formaram nossas academias, seus métodos e práticas de onde vieram, para quem produzem conhecimento e com qual intuito o fazem. A questão proposta para discussão neste trabalho cerceia a problemática formação profissional no seu modo embrionário: os limites da universidade. Até onde chega o livre arbítrio da atividade acadêmica de um futuro profissional, como estudante que contempla os diversos mundos dos seus docentes, cada qual com seu arcabouço teórico e prática. Isto posto, devemos ainda salientar os moldes restritivos de acesso ao universo acadêmico, gerador, pois, de uma situação conflitante entre demanda e atendimento, que resulta no atrofiamento do pensamento como exercício livre de direito a todo cidadão. É no âmbito acadêmico que o futuro profissional tem os primeiros contatos com o ambiente no qual deverá atuar. No caso do estudante de psicologia, ele prova (ou não) e aprova diferentes abordagens para um mesmo tema, numa relação que ultrapassa as páginas dos livros, onde pesa, por vezes substancialmente, a empatia com os docentes. Surge então um problema: como sucederá o discernimento do recente universitário no que tange suas escolhas? E como ocorrerá a prática numa área de trabalho onde o trabalho de pesquisas esbarra na prática profissional em vias opostas? Opostas no sentido de que a universidade se fecha em seus muros para realizar pesquisas sobre a realidade da sociedade na qual está imersa e da qual deveria ser, na verdade, reflexo. Entretanto, é visível, um processo de afastamento no qual a universidade tenta retirar-se dessa realidade para se impor a outra paralela, que pretende ser a verdadeira ou ideal. E dentro desse paradoxo de contextos está o psicólogo que se divide desde o início de sua formação em diferentes opções de carreira: professor, pesquisador ou psicólogo – clínico, hospitalar, organizacional ou escolar (para citar as áreas tradicionais) - após a conclusão dessas etapas e pretendida decisão por alguma delas. Não cabe aqui julgar tal estrutura, sendo que não há gabarito suficiente para tamanha responsabilidade. Há sim um reclame da dualidade entre a pesquisa e a prática, pois existe dentro do universo acadêmico um quase abismo, uma dualidade entre público e privado na qual de um lado se busca produzir ciência para a sociedade em que o outro opera concretamente – pois vemos nas universidades particulares uma maior preocupação com a questão prática do estudante e futuro profissional.

## **OBJETIVOS**

Identificar a que fatores estudantes de graduação em Psicologia atribuem sua escolha por uma ou mais abordagens teóricas. Especificamente: a) levantar possíveis variações de fatores que interferem no processo de uma provável escolha de abordagem teórica; b) identificar em que momento do curso de graduação essa provável escolha ocorre e c)

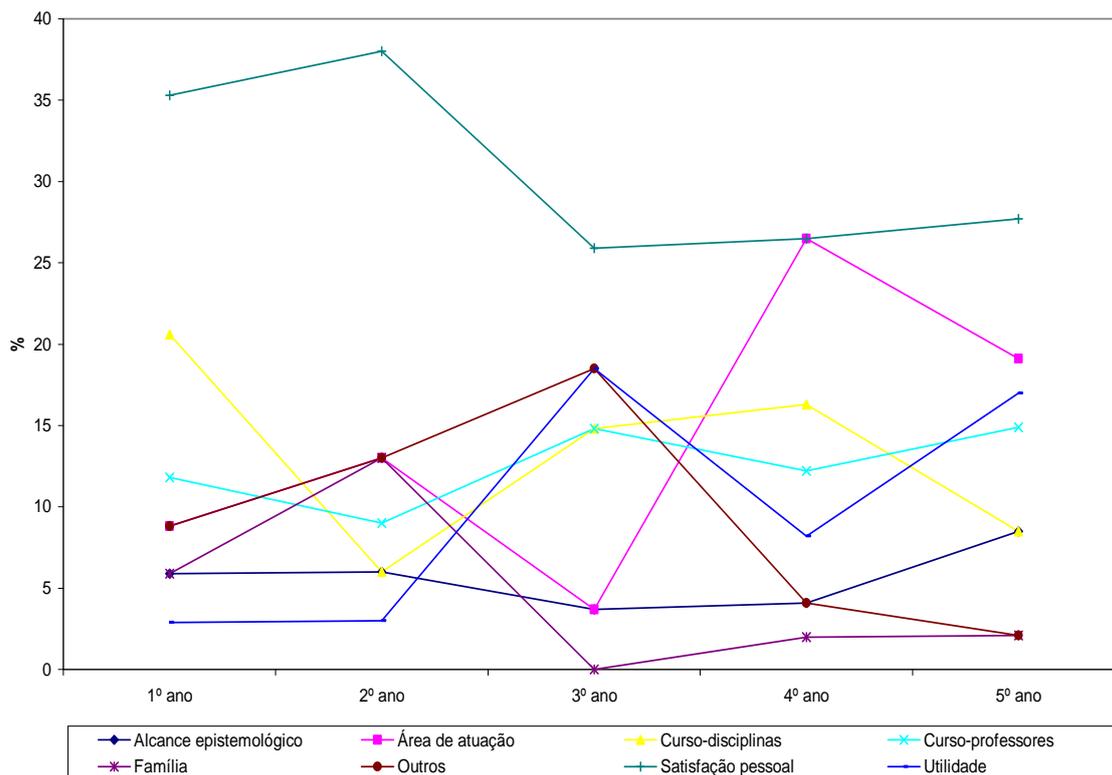
verificar quantos e que tipos de fatores são relatados pelos estudantes como relacionados a esse processo de escolha teórica.

## **MÉTODO**

A pesquisa foi realizada a partir de uma amostra composta de dez grupos referentes aos semestres de estudo que constituem o curso superior em psicologia. Para facilitar a análise dos dados, os grupos foram dispostos e reagrupados em anos, compondo então, cinco grupos. O primeiro deles, formado por 39 alunos do 1º e 2º períodos. O segundo, formado por 23 alunos do 3º e 4º períodos. O terceiro grupo formado por 25 alunos do 5º e 6º períodos. O quarto grupo formado por 30 alunos do 7º e 8º períodos e, finalizando, o quinto grupo foi formado por 23 alunos do 9º e 10º períodos. O total da amostra, portanto, foi de 140 participantes, sendo que 80% são do gênero feminino com média de idade de 24 anos e os 20% masculino, com média de idade de 26 anos. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado especificamente para este trabalho composto por 7 questões de caracterização e 9 questões mistas, a fim de possibilitar respostas espontâneas e também identificar as variáveis a que o estudante atribui sua decisão pelo curso e por uma determinada área de atuação. Autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP 06/2009), o questionário foi apresentado aos alunos juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a apresentação da pesquisa foi solicitada participação dos interessados, que deveriam assinar o TCLE em duas vias, sendo que a primeira delas deveria ficar com eles. A coleta de dados teve início sempre nos intervalos de aula com tempo médio de duração de 15 minutos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados da pesquisa estão apresentados aqui na forma de tabelas e figuras. Os resultados da amostra se encontram em grupos divididos por ano da formação, no intuito de verificar se há ou não preponderância de influências relativas à proximidade com a conclusão do curso. Outro aspecto a ser verificado é se a questão de gênero se apresenta como fator substancial de decisão por uma ou outra abordagem. Nesse sentido foi feita a soma de homens e mulheres do total da amostra. Também é possível aferir se a provável área de atuação pode ser significativa para esta escolha teórica, uma vez que certas abordagens podem aparentemente estar ligadas a algumas determinadas áreas de conhecimento da psicologia. A Figura 1 apresenta os motivos a que os estudantes atribuem sua escolha teórica. Unanimidade em todos os anos, a *satisfação pessoal* foi a principal razão por escolher um modo de perceber, compreender, e trabalhar com o ser humano, segundo os estudantes. Em segundo lugar, a *área de atuação* que reitera o fato de a maioria acreditar que a escolha teórica está mesmo vinculada à área de atuação. Com influência também nesta decisão está o curso, mais precisamente, *as disciplinas do curso*, seguido pela *influência dos professores*. Superando questões mais individuais, a *utilidade* apresenta-se mais influente que a *família* e o *alcance epistemológico*.



**Figura 1 - Motivos aos quais os estudantes do curso de Psicologia atribuem sua escolha teórica**

## CONCLUSÕES

Ao longo do processo de desenvolvimento dessa pesquisa, foram levantadas questões que permeiam toda uma mudança, às vezes sutil, de pensamento dos estudantes de psicologia. Sendo um dos objetivos identificar a que fatores eles atribuem uma ou mais abordagens teóricas, foi possível notar que a passagem de grau no curso e necessariamente de tempo, leva a repensar situações e que isto muitas vezes ocorre independentemente do sexo e da idade de cada um. A partir dos resultados obtidos foi possível perceber que quanto mais se move dentro da psicologia, mais se amplia a visão de homem e, conseqüentemente, as possibilidades de atuação. E o que poderia caminhar para uma cadência de certezas em relação às expectativas profissionais, torna-se um horizonte repleto de dúvidas por haver tantas possibilidades de atuar na sociedade. Por fim, como este trabalho se limitou à simples opinião dos estudantes, e o foco não fora necessariamente a formação desses estudantes, fica em perspectiva a intenção de prosseguir com este estudo visando repensar mais especificamente a estrutura de formação e levantar questões sobre parâmetros de ensino nos âmbitos privado em oposição ao público. Assim, que motivos levam um estudante de psicologia a fazer uma escolha teórica, vai muito mais além do que levantar opiniões. Ao contrário, aponta para questões mais educacionais que meramente de opiniões individuais.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, I. R. **Raízes da psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- SCOTTI, S. Psicanálise, universidade e capital intelectual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, set. 2006, vol.26, no.3, p.440-449.
- TOURINHO, E. Z.; CARVALHO NETO, M. B. e NENO, S. A Psicologia como campo de conhecimento e como profissão de ajuda. In: **Estudos de Psicologia**. Ano 9 N1. 2004.

